

Wagner Gabardo

Doutorando em Geografia pela UFPR, mestre em Turismo pela UFPR,  
graduado Sommelier Profissional pelo CAVE, Argentina  
wgabardo@gmail.com

---

# Habitar o *terroir* do vinho: o sentimento da paisagem de Mendoza, Argentina

## Resumo

Este ensaio reflete sobre o *terroir* do vinho enquanto espaço construído a partir da relação harmônica entre seres e natureza, tomando como base o conceito de “habitar poético” de Heidegger, a fenomenologia espacial de Dardel e a geografia emocional de Andreotti. Busca-se revelar as relações emotivas que vitivinicultores estabelecem com o espaço que habitam e que alimentam as narrativas do *terroir*, em uma abordagem poética da paisagem. Para ilustrar esta dinâmica dialógica, recorreu-se à análise de um vídeo promocional sobre a região de Mendoza, Argentina. Os depoimentos apresentados no vídeo demonstram como as narrativas dos autóctones impregnam simbolicamente as paisagens do vinho, espelham um ideal de habitar poético e produzem lugares míticos no imaginário dos viticultores. Observou-se, ainda, o papel do sabor como uma forma de registro geográfico e o vinho como fértil objeto de análise desta relação entre a experiência do gosto e a expressão da paisagem.

**Palavras-chave:** *Terroir*, Paisagem, Emoções, Sabor, Mendoza.

## Resumé

HABITER LE TERROIR DU VIN: LE SENTIMENT DU PAYSAGE DE MENDOZA, ARGENTINE

Cet essai réfléchit sur le terroir du vin en tant qu'espace construit à partir de la relation harmonique entre les humains et la nature, basé sur le concept Heidegger de «la poétique de l'habiter», la phénoménologie spatiale de Dardel et la géographie émotionnelle d'Andreotti. Il cherche à révéler les relations émotionnelles que les vignerons établissent avec l'espace qu'ils habitent et qui nourrissent les récits du

terroir, dans une approche poétique du paysage. Pour illustrer cette dynamique dialogique, nous avons utilisé l'analyse d'une vidéo promotionnelle sur la région de Mendoza, en Argentine. Les témoignages présentés dans la vidéo montrent comment les récits des autochtones imprègnent symboliquement les paysages du vin, ils reflètent un idéal de la «poétique de l'habiter» et produisent des lieux mythiques dans l'imaginaire des vigneron. Nous avons également observé le rôle du goût comme forme d'enregistrement géographique et du vin comme objet fertile d'analyse de la relation entre l'expérience du goût et l'expression du paysage.

**Mots-clés:** Terroir, Paysage, Émotions, le Goût, Mendoza.

## 1. Introdução

O vinho constitui um produto agroalimentar de alto valor agregado (ELIAS, 2008), além de ser um ingrediente base da dieta mediterrânea, saber convertido em patrimônio pela UNESCO em 2013. As paisagens da vitivinicultura<sup>1</sup> atuam como elemento identitário de um território, são fonte de criação de indicações geográficas alimentares e constituem um bem a ser preservado. A paisagem do vinho é dinâmica, em constante evolução, e mutável ao longo do tempo. É a percepção e a elucidação desta paisagem que nos permite entender o *terroir* do vinho. *Terroir* como a fonte capaz de exprimir em discursos a origem da bebida e justificar suas qualidades únicas, frutos do conjunto de atributos inerentes a um lugar. Falar de *terroir* é discorrer de maneira idealizada e afetiva sobre as razões sócioecológicas que definem o aroma e o sabor dos vinhos ali nascidos. Narrativas, em tom por vezes poético, tratam de expressar uma relação harmônica entre os seres humanos e a natureza que os contém.

Outrora definido através de aspectos unicamente ambientais (topologia, geologia e clima de uma região), o conceito de *terroir*, de origem francesa, amadureceu e ampliou-se ao dar protagonismo também aos autóctones. *Terroir* é a junção de fatores ambientais às práticas culturais, de sociabilidade e políticas dos que ali habitam, que impactam a forma como a produção de uvas e vinhos é disseminada em determinada região (JACQUET, 2010). E a paisagem seria a substância deste *terroir*, resultante e produtora de cultura, expressa em atividades agrícolas adaptadas às condições ambientais muitas vezes desafiadoras, como os terraços cravados em terrenos íngremes para plantar, onde trabalhadores lavram e irrigam

a terra para torná-la cultivável e conduzem a videira – planta trepadeira – das mais diversas formas.

Entender a relação afetiva com o lugar que se habita permite ir além das razões científicas que compõem o conceito de *terroir*. Que tipo de relações emotivas os vitivicultores estabelecem com o espaço que habitam e que alimentam as narrativas do *terroir*? De que maneira a compreensão poética da paisagem vai além de uma análise ambiental e técnica do entorno?

Para os franceses o *terroir* tem gosto – traduzido no termo “*goût du terroir*” – e este é resultante das características ambientais da paisagem viticultora. Entre os vinicultores, por exemplo, é forte a crença de que o sabor de certos vinhos resulta do tipo do solo do qual a vinha se nutre, mesmo a geologia negando tal afirmação<sup>2</sup>. Por outro lado, eco-saberes e razão científica podem convergir para a mesma lógica explicativa de um fenômeno terrestre. E a questão que se coloca é: de que maneira eles impregnam simbolicamente as expressões de uma paisagem do vinho, ao citar uma montanha, um rio ou um vinhedo, ressignificando a materialidade destes elementos e, de certa forma, mitificando-os?

Para responder estes questionamentos se usará a abordagem geográfica humanista, partindo do conceito de “habitar poético” de Heidegger somado às reflexões sobre a geografia mítica em Dardel e o papel das emoções no pensar geográfico de Andreotti. Bebendo destes autores, este ensaio objetiva analisar as narrativas do *terroir* da vitivinicultura e de que maneira elas impregnam simbolicamente as paisagens do vinho. Para ilustrar o ensaio, se examinarão as falas dos viticultores de Mendoza, Argentina, sobre o seu mundo-da-vida: as paisagens do vinhedo argentino, retratadas no vídeo “Mendoza: tierra de elementos” (ARGENTINA, 2010). O audiovisual faz um retrato do *terroir* vitivinícola de Mendoza, cidade localizada na região do Cuyo, beirando a cordilheira dos Andes, e responsável por mais de 80% do vinho elaborado no país vizinho. O vídeo reúne imagens da paisagem e depoimentos das pessoas que ali habitam e se dedicam ao cultivo de uvas e elaboração de vinhos.

Os trechos analisados são apresentados na seção “Mendoza: terra de elementos”. Correspondem às falas dos autóctones entrevistados (enólogos, agrônomos, viticultores), nas quais se mencionam os termos “paisagem”

e os elementos que a compõem, como “água”, “ar”, “solo”, “montanha”, “vinhedo” e correlatos. O critério de escolha das palavras respeita as categorias propostas por Dardel quando este discorre sobre os espaços aquático, aéreo, telúrico e construído – compreendidos no contexto da viticultura – como será visto na seção seguinte. Os depoimentos que buscavam descrever o *terroir* de maneira subjetiva e metafórica/simbólica foram objeto de análise de conteúdo, seguindo os preceitos de Lima (2003), buscando-se abstrair a essência e o teor das falas dos entrevistados.

Em seguida, nos debruçaremos sobre Heidegger, Dardel e Andreotti em busca do sustento teórico da discussão aqui proposta, o habitar poético da paisagem do vinhedo mendocino na percepção de seus autóctones. Busca-se interpretar a narrativa do *terroir* da viticultura à luz da fenomenologia do espaço e suas nuances simbólicas, preparando um campo de estudo fértil para a geografia das emoções.

## 2. Do habitar poético ao sentimento da paisagem

Considerado um dos precursores da fenomenologia contemporânea e fonte inspiradora da geografia humanista, Heidegger rompe com o pressuposto da filosofia clássica que separa sujeito e objeto, corpo e mente. O vínculo entre consciência e mundo é indissociável, portanto não existe uma separação entre sujeito e objeto. Para o filósofo contemporâneo alemão, o conhecimento é mundano, construído a partir da experiência do mundo vivido e de suas circunstancialidades.

O ser-no-mundo é um acontecer em uma trama de experiências compartilhadas com o entorno espacial do sujeito: ser-em, ser-com, ser/estar-aí. Para Heidegger (2000), “compreendendo-se a partir das coisas, o ser-aí compreende a si mesmo como ser-no-mundo a partir de seu mundo” (p.244). Ou seja, é a partir do mundo vivido e habitado que o sujeito constrói uma racionalidade própria a respeito da essência dos entes e das coisas, atribuindo sentido à própria condição de existir, de ser/estar aí, explicitada pela expressão *Dasein* do fenomenólogo alemão.

Heidegger (2012) defende a necessidade de *pensar* o sentido da existência a partir do *habitar*. Segundo o autor, habitar é um traço essencial do

ser, implica *construir* um laço afetivo com o espaço e nele se *resguardar*, destacando a dimensão afetiva e simbólica do mesmo. A essência destes espaços seriam os lugares, que o ser constrói para acolher a si próprio, e cuja experiência é, ao mesmo tempo, real e mítica: “o lugar acolhe, numa circunstância, a simplicidade de terra e céu, dos divinos e dos mortais, à medida que edifica em espaços a circunstância” (p. 137). Tal reflexão reverberaria no conceito de lugar geográfico, como aprofundado posteriormente por Tuan (1983).

Heidegger (2012) vai além e propõe o *habitar poético*, no qual a vivência do homem na Terra seria marcada por sua relação emocional com o lugar, que influenciaria deveras o modo de pensar da geografia humanista: “o habitar poético sobrevoa fantasticamente o real” (HEIDEGGER, 2012, p. 169). A percepção e a relação do/com o espaço passa a abarcar a dimensão sensível do ser. E esta relação, transformada em linguagem, fundamentaria a ideia de paisagem. Descrever a paisagem seria, de certa forma, um exercício de narrativa do habitar poético, que implica na imersão do sujeito no mundo, o qual integra, com o qual interage e para o qual constrói sentido. Em uma linguagem que articula razão e emoção, real e imaginário, objetividade e (inter)subjetividade, emaranhados em uma trama complexa.

Na obra do geógrafo francês Eric Dardel, *O homem e a terra* (2015), um diálogo com Heidegger torna-se possível. Trata-se do primeiro tratado fenomenológico escrito por um geógrafo ao aprofundar a existência humana no mundo a partir de sua relação subjetiva e emocional com o espaço, o lugar e a paisagem os quais habita, estabelecendo um dos pressupostos fundantes da geografia humanista. Dardel propõe uma fenomenologia do espaço, um exercício reflexivo do estar-no-mundo – desmembrando-o em espaço aéreo, aquático, telúrico e construído – conferindo alma e simbolismo às paisagens e aos lugares possíveis do homem no mundo terrestre, seu mundo da vida.

Segundo Dardel (2015), há uma relação de reciprocidade entre o homem e o espaço telúrico. Os trabalhos agrícolas são rituais de culto à terra pois esta “não cessa com sua obra de fazer nascer, reproduzir, germinar, é (...) potencial da vida e da amamentação que transmite para os homens a própria substância. Pelos grãos que amadurecem em seu seio,

(...) *pelo vinho que surge do solo através da planta, pelo azeite, pelo mel*" (p. 49, grifo do autor). Nota-se, nesta afirmação, além da importância do trabalho agrícola como forma de conexão do ser com o solo, o interesse do autor pela viticultura, possível fonte de sua reflexão.

O espaço aquático, de igual importância, inunda-se de simbolismos. A água é renovação, regenera e potencializa a vida dos seres que dela se nutrem e nela mergulham, é o "receptáculo de todos os germes, substância primordial onde nascem todas as formas" (idem, p. 50). Sem água não há vida, esta é condição da existência dos seres. O espaço aéreo, por sua vez, é o espaço da percepção, onde os seres são mais estimulados pelas diversas sensações emanadas do entorno que os rodeia. São aromas, sabores, texturas e temperaturas que dramatizam as paisagens experienciadas, ponto relevante para compreender as paisagens do vinho.

Finalmente, o espaço construído fala da intenção humana inscrita na Terra, as obras que, historicamente realizadas, erigem aquilo que definimos como cidade/urbano e campo/rural. No tocante a vitivinicultura, o espaço construído se desenrola no meio rural e vem a unificar elementos naturais com intervenções humanas, nutrindo uma ideia de paisagem cultural. A geografia contemporânea norte-americana propõe, inclusive, uma categoria própria, o neologismo "winescape", para discorrer sobre as paisagens do vinho (PETERS, 1997), ainda que de maneira funcional e positivista.

A paisagem de Dardel tem uma tonalidade afetiva e um dinamismo, fala sobre a *geograficidade* humana na Terra. Seria o encontro dos seres com os espaços acima descritos: telúrico, aquático, aéreo e construído, enredados entre si. Constitui o lugar, a base e o meio de realização dos seres humanos. "Há na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa e uma lembrança (..) comporta também (...) uma história" (idem, p. 33). É a partir da apreensão e da elucidação da paisagem que os seres são capazes de se situar e compreender seu lugar histórico e cultural no mundo. Para Besse (2015), a paisagem de Dardel é uma tradução, em forma de linguagem, da "emoção bruta" que acomete os indivíduos ao confrontarem-se com o mundo em suas variadas formas. Emoção bruta que emerge das sensibilidades do ser, de seus sentimentos e sensações percebidas.

Entra-se aqui na seara da geografia das emoções ao se mergulhar na experiência emotiva e na leitura sensível dos lugares, com atenção às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens, escrita – ou narrada – com e sobre as emoções despertadas pela experiência vivida. Giuliana Andreotti (2013) destaca a dimensão subjetiva dos lugares e das paisagens referindo-se a uma realidade cujos componentes estão além do racional e do visualmente apreendido. A autora reforça a importância do sentimento como essência da existência humana no mundo e, ao explorar as reflexões de Lehmann, defende que a experiência da paisagem é um processo psicológico complexo e relacional, permeado por emoções e ancorado na alma e no subconsciente do sujeito que a vivencia: “não é um ato autônomo do sujeito, mas a soma (...) das emoções do sujeito e daquelas que o próprio sujeito transborda na paisagem quando esta, bem longe de ser uma entidade, é o pressuposto de uma relação” (ANDREOTTI, 2013, p. 26). E a tarefa do geógrafo para entender essa relação sujeito-paisagem, para Andreotti, seria desprender-se do ofício de elaborar mapas cartográficos e aproximar-se das pessoas que vivenciam o território estudado. Para a autora, essa proposta opõe-se ao método vigente do “monólogo geográfico” (idem, 2013, p. 41) tradicional da geografia física. Dar conta da complexidade da experiência envolve, portanto, uma abordagem mais humanista, na qual o sujeito situado na paisagem é escutado e suas narrativas ganham fundamental importância. Todavia, traduzir subjetividades e afetos alheios em dados que permitam construir uma geografia das emoções é um desafio instigante: “é desenvolver um tipo verdadeiramente pessoal de conhecimento que permite a emoção como o pensamento, a paixão como a razão e levando a uma compreensão de si e do mundo”<sup>3</sup> (BUTTIMER, 1978, p. 74).

Andreotti, ao aprofundar a perspectiva dialógica e o papel das trocas sentimentais entre o sujeito e a paisagem, argumenta que os seres atribuem “certo valor afetivo ao ambiente e que o ambiente sugere, através de complexos mecanismos, ditados por memórias ancestrais (...) ou por clichês adquiridos também em tempos recentes, determinadas imagens de si” (idem p. 119). O sujeito precisa de uma paisagem que o faça recordar seu passado e, individualmente, seus afetos. Seria possível, portanto, considerar o valor das narrativas de *terroir* nesta trama complexa, ao facilitar

e/ou induzir certa forma de pensar, experimentar, agir sobre e ser afetado pelas paisagens do vinho.

Sobre as dimensões sensíveis da experiência, é essencial compreender que paisagens são também sonorizadas, perfumadas e têm sabor – e os estudos sobre a mesma ganham mais força à luz das narrativas do *terroir* do vinho. Parte-se do princípio de que toda experiência humana do espaço perpassa a dimensão perceptiva e é mediada através dos sentidos, bebendo das reflexões de Tuan (1980) e Merleau-Ponty (2015). As sensações experimentadas – como cheiros, sabores e texturas – acionam as emoções do sujeito que as vivencia e são também capazes de exprimir a “alma do lugar”. No contexto da vitivinicultura, estas emanações da natureza são capazes de explicar a identidade dos vinhos dali oriundos. Para Luginbühl (2005), o nome de uma região vinícola remete primeiro a um sabor antes de qualquer outra referência. Segundo a autora, poucos pintores dedicaram-se a retratar paisagens do vinho, pois “o pincel não podia transcrever os aromas do vinho, mais significativos e mais evocativos que as formas, texturas e cores das videiras” (idem, p. 17). Estão na literatura e na poesia os caminhos para expressar “sensibilidades das paisagens da videira, graças ao uso de formas retóricas que permitiram evocar prazeres sensoriais” (ibidem, p. 17). A forma retórica que faria jus à paisagem seria a narrativa do *terroir*, permeada por evocações metafóricas e poéticas dos lugares vitícolas capazes de sugerir o sabor dos vinhos.

Gratão (2012) estabelece um vínculo entre sabor e paisagem, impregnado de afeto e simbolismo, que nos orienta a desvelar a expressão *goût do terroir* tão difundida no pensamento do vinho. O “sabor é um traço de ligação do homem com a natureza” (p. 31), argumenta a autora. O gosto – como junção de aroma e sabor – faculta um poder evocativo que leva os seres a viajar às suas origens; em um processo de retorno ao lugar, à casa, à Terra, como define Gratão. Como se da terra brotasse o sabor e, a cada vez que o degustamos, nossa memória nos reconecta a uma paisagem originária desta sensação, que é recordada e presentificada em nosso imaginário. A relação, mais simbólica/subjetiva que concreta/objetiva, oriunda da ligação entre sabor e paisagem, nos norteia ao pensar o gosto do *terroir* do vinho.



Retomando Dardel, é em seu pensamento sobre geografia mítica que o habitar poético do ser no mundo se desvela, em uma reflexão ontológico-geográfica. Partindo de “eco-saberes” ancestrais, Dardel defende que a existência dos seres é afetada por circunstâncias terrenas que antecedem a racionalidade científica ou que a mesma não consegue explicar, alimentando uma relação simbólica e mítica com as forças da natureza. Forças que emanam da terra, da água, dos céus e alimentam o imaginário dos seres: “presenças dispersas pelo espaço e atrás dele, que agitam as profundezas emotivas e afetivas do homem, porque cada nascer do sol é uma vitória sobre as trevas e o cintilar de cada estrela um sinal que lhe faz o mundo” (DARDEL, 2015, p. 53). O mundo da vida/da natureza é presença cíclica, manifesta-se no dia e na noite, nas fases da lua, nas estações do ano, nos trabalhos agrícolas e no ciclo vegetativo/orgânico de plantas e animais. Estas manifestações são fonte essencial das narrativas do *terroir* do vinho, expressas de maneira romântica e com tonalidades poéticas e afetivas.

Com base nessas reflexões, se buscará, nas narrativas da paisagem de Mendoza de seus autóctones, possíveis relações com o habitar poético heideggeriano, a geografia mítica de Dardel e os prolongamentos sensíveis, emocionais e subjetivos da paisagem em Andreotti.

### **3. Mendoza: terra de elementos**

*Mendoza: terra de elementos* intitula o vídeo (08m12s) objeto da análise aqui proposta. Produzido pelo órgão promotor do vinho argentino, *Wines of Argentina*, o vídeo constitui um relato da paisagem de Mendoza, o principal polo vitivinícola argentino. No vídeo, imagens deste território do vinho alternam-se entre narrativas dos autóctones que se dedicam à viticultura buscando ilustrar as particularidades do *terroir* a partir de quatro elementos da natureza: água, terra, ar e fogo. É a partir da influência destes quatro elementos que se busca, ao longo do vídeo, caracterizar o *terroir* mendocino.

De partida, a estrutura narrativa do vídeo coincidentemente se assemelha, de certa forma, com o pensamento de Dardel (2015), quando este categoriza a Terra, o mundo vivido dos seres humanos, em quatro espaços: telúrico, aquático, aéreo e construído. O *terroir*, neste sentido,

se apresentaria enquanto espaço construído adaptado às influências dos elementos de ordem natural: o solo/terra, a água/recursos hídricos, e as manifestações climáticas que emanam do espaço aéreo: o ar e o fogo. O vídeo induz o espectador a pensar a existência em função das circunstâncias daquele espaço construído, a dizer, o *terroir* de Mendoza.

As falas introdutórias reforçam a vitivinicultura como elemento identitário do lugar: “A vitivinicultura é o que preenche as paisagens de Mendoza” (ARGENTINA, 2010, 01:15), ao passo que o vinho resultante destas paisagens é capaz de revelar parte desta identidade, como sugere a sequência do depoimento: “(...) é impossível tomar uma taça de vinho sem ver refletida a história e a cultura de Mendoza” (idem). O tom metafórico da afirmação, característico das narrativas de *terroir*, situa o sabor do vinho degustado como uma esfera de compreensão da essência de Mendoza. A experiência da paisagem mendocina passa, portanto, pela dimensão sensível, pelo gosto do vinho, endossando a afirmação de Luginbühl (2005). Ao degustá-lo nos conectamos àquela terra e aos modos de vida de seus habitantes. O sabor revela e media nossa relação com a paisagem.

O vinho só existe graças à **água** que desce das montanhas e irriga as terras tornando-as cultiváveis: “a única alternativa que temos os mendocinos é viver à beira dos rios que descem das montanhas” (ARGENTINA, 2010, 02:09). Sistemas de irrigação de sabedoria ancestral são atribuídos aos nativos huarpes, que prestavam especial devoção à **montanha** (LACOSTE, 2013). Se a viticultura, por um lado, é um legado da colonização europeia, esta só se tornou possível graças às técnicas ancestrais indígenas dos que antes ali habitavam. E a montanha é impregnada de simbolismos, desde então convertendo-se em uma espécie de lugar mítico no imaginário dos mendocinos de ontem e hoje. Não apenas por sua dimensão e sua beleza imponentes, mas também por sua onipresença e seu imprescindível papel no ecossistema. É na Cordilheira dos Andes onde brota a água que torna habitável um meio supostamente hostil à sobrevivência humana: “um deserto de clima árido e seco” (ARGENTINA, 2010, 02:03), como descreve um viticultor, converte-se em terras cultiváveis graças à presença da montanha. A importância da água, símbolo da vida e da renovação para Dardel, se evidencia no dito popular: “se não se irriga, não crescem nem as crianças” (ARGENTINA, 2010, 02:50) devaneia um dos viticultores

entrevistados. A Cordilheira converte-se em condição *sine qua non* da vitivinicultura e da própria existência dos mendocinos.

Uma vez que a água alcança o **vinhedo**, este faz a 'mágica' de crescer e frutificar as vinhas, tornando possível a elaboração do vinho: "o vinhedo é como uma fábrica que converte a água em vinho" (idem, 03:15), expõe um dos entrevistados, em uma metáfora que expressa a importância do vinhedo, e sua força transformadora de um elemento natural – a água – em um alimento cultural – o vinho. O vinhedo, enquanto realização primordial do espaço construído, aliado às forças da natureza, permite que práticas agrícolas sejam viáveis em uma região de clima árido e hostil, reforçando a ideia de *terroir* como marcas da cultura humana impressas nos contornos da natureza, em prol da produção de um sabor percebido como único e autêntico. E o **solo** exerce fundamental importância na formação deste sabor, como afirma o depoimento: "o solo participa como sustentáculo e fonte de alimento da vinha" (idem, 03:26).

A natureza cíclica dos fenômenos da Terra é também celebrada e recebe especial atenção dos viticultores, reforçando a lógica da reciprocidade entre o homem e a terra de Dardel (2015), expressa nas falas do vídeo: "não há dúvida que a colheita é o momento mais emocionante da vitivinicultura" (idem, 05:10) e "a vindima para os colheitadores é também uma festa" (idem, 05:50). A vindima converte-se em festa e pode ser entendida como um rito de culto à terra, ao agradecer os frutos com que ela lhes brindou. Um rito que revela o importante papel das emoções na geograficidade viticultora, gerando expectativa, ansiedade e alegria ao reunir as famílias mendocinas, agrônomos e enólogos:

do engenheiro agrônomo, a expectativa de buscar a maturação ótima da uva (...)  
dos enólogos, que estão ansiosos esperando que a uva chegue à vinícola (...) e do  
povo que vê a oportunidade de ir colher a uva (...) vai toda a família (...) acabam  
degustando algo (idem, 05:17).

É a oportunidade de degustar e celebrar o sabor com o qual a paisagem os brinda, de conectar-se com a natureza, em um momento clímax quando se extrai o sabor do *terroir*, para então transformá-lo em vinho.

O espaço aéreo, representado no vídeo pelos elementos "ar" e "fogo" também recebem especial atenção. Segundo o vídeo, as uvas só podem ser colhidas perfeitamente maduras e sanas graças à pureza do **ar** e ao **sol**

que adquire forte simbolismo neste território: “podemos definir Mendoza pelo sol” (idem, 04:53), defende um dos viticultores entrevistados. O sol juntamente com a montanha se convertem em elementos míticos que habitam o imaginário dos mendocinos e são imprescindíveis para a consolidação da viticultura.

A indissociável relação dos seres com o espaço habitado e o mundo-da-vida enquanto base de sua existência e da construção do sentido das coisas, como apontados por Heidegger, tornam-se evidentes nas seguintes falas: “alguém que vem aqui e vê a paisagem, com um pouco de interpretação, pode perceber como somos os mendocinos”; “cálidos” (idem, 06:32) ou calorosos. Em outras palavras, um traço da personalidade dos mendocinos, seu modo de ser caloroso, seria condicionado pelas paisagens das quais são parte. Se Mendoza pode se definir a partir do sol, o calor que o astro emana influencia no caráter dos mendocinos e de seus vinhos. Ainda que se trate de uma metáfora, ela é reveladora e poderia exemplificar a ideia do habitar poético de Heidegger. É o mendocino compreendendo-se no mundo, a partir das coisas de seu próprio mundo e com as quais estabelece um forte vínculo emocional. É o definir-se pelo lugar que habitam e o reconhecerem-se na paisagem deixando-se transbordar por ela, reforçando Andreotti. É tornar difusa a emanção calorosa: se provém das pessoas, do lugar que habitam ou do encontro entre ambos, desta troca sentimental, em uma espécie de geograficidade encarnada viticultora.

O sabor do vinho é novamente mencionado como ícone de territorialidade e expressão máxima do *terroir* nas falas “[a uva] malbec é sinônimo de Mendoza”; “o mais importante é que o vinho revele a natureza e a origem do lugar onde nasceu” (idem, 06:25). O vinho enquanto realização cultural atua como elemento integrador dos seres humanos com a natureza que habitam. O sabor e o aroma da bebida são sensações capazes de evocar uma paisagem, permitem penetrar simbólica e imaginariamente na essência de um lugar e senti-lo, constituem “um traço de ligação do homem com a natureza” (GRATÃO, 2012). A impregnância simbólica do vinho é tamanha que extrapola os limites mendocinos, sendo reivindicado como ícone de uma identidade nacional, transcendendo os limites do lugar, ao ser associado à Argentina como um todo, e não apenas à sua principal província

produtora de vinhos, como ilustra a fala: “quando você bebe uma taça de vinho, você sente Argentina” (idem, 06:49).

Na fala de um dos entrevistados, a bebida é resultante do encontro das pessoas com o entorno: “acredito que (...) é a paisagem e as pessoas que definem o vinho” (idem, 07:15). O *terroir* expressaria, de certa forma, o habitar poético, uma relação orgânica com o mundo vivido. Um lugar construído pelos e para os viticultores, que, ao mesmo tempo, os acolhe e os define enquanto tais. Um possível *Dasein* do viticultor. E o vinho, por sua vez, ao passo que define as paisagens de seu *terroir*, só existe e é definido por elas. Não há aqui, novamente, uma separação sujeito/viticultor, espaço/paisagem e objeto/vinho em si.

A viticultura impregna simbolicamente a relação cotidiana do mendocino com as paisagens e os lugares que o abraçam. A viticultura em Mendoza consiste em uma forma de habitar poético, ao pensar e construir em harmonia com as coisas da natureza: “em seu habitar, o homem se mostra digno de muitos méritos. O homem cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o que ali cresce. Cuidar e colher é um modo de construir” (HEIDEGGER, 2005, p. 168). E o vinho, neste caso, pode ser compreendido como o símbolo máximo deste cuidado, desta construção, deste pensar o habitar. Um habitar construído e pensado desde os ancestrais que souberam tirar proveito dos picos nevados das montanhas andinas, dali extrair a água para irrigação e tornar as terras cultiváveis. Pensado também a partir de seus sucessores que, dentre as práticas agrícolas, escolheram a viticultura e edificaram o vinhedo, um lugar ‘mágico’ que alia forças da natureza e técnicas humanas para “transformar a água em vinho”.

#### 4. Considerações finais

Este ensaio buscou entender o *terroir* enquanto espaço construído a partir da relação harmônica entre seres humanos e natureza, em uma espécie de “habitar poético” dos lugares da vitivinicultura, tomando como base a fenomenologia de Heidegger e Dardel e a geografia emocional de Andreotti. Os dados analisados no vídeo *Mendoza: tierra de elementos* permitiram também refletir sobre como as narrativas dos autóctones são

capazes de impregnar simbolicamente as paisagens do vinho, além de produzir lugares míticos no imaginário daqueles que o habitam, construindo e pensando aquele território como lugar de sua existência e experiência cotidianas. Estas reflexões abrem um campo para a a geografia das emoções, ao tratar da relação subjetiva e afetiva dos sujeitos com as paisagens que elaboram. As narrativas permitiram também destacar o papel do sabor como uma forma de registro geográfico, o conceito de *terroir* como profícuo para compreender a experiência fenomenológica do sabor e o vinho como mediador desta relação entre o gosto e a expressão da paisagem.

Sugere-se, como estratégia metodológica que vise a aprofundar a discussão, o uso de entrevistas qualitativas presenciais e aprofundadas que revelem outras narrativas de alto valor simbólico, permitindo explicar a relação do viticultor com suas paisagens. Por se tratar de uma análise de conteúdo de falas de um vídeo, na qual não se tem acesso aos bastidores, aos diálogos entre produtores e entrevistados, limitou-se neste ensaio àquelas falas que foram editadas por seu idealizador. Ainda, o estudo de narrativas em outros *terroirs* poderia produzir uma comparação profícuo que estabelecesse semelhanças e diferenças de territorialidades do vinho ante à diversidade de regiões onde a vitivinicultura é desempenhada mundo afora. Finalmente, uma análise que esmiuça a dimensão simbólica e sensível do *terroir* possibilitará um entendimento mais amplo e humanizado de geograficidades vitícolas.

## Notas

- <sup>1</sup> Viticultura refere-se à modalidade de fruticultura destinada ao cultivo de uvas. Já vinicultura diz respeito às práticas de elaboração de vinhos. O termo vitivinicultura, por sua vez, engloba ambas as atividades.
- <sup>2</sup> Maltman (2013) em artigo intitulado “Minerality in wine: a geological perspective”, questiona o termo “mineralidade”, amplamente utilizado para descrever um vinho, considerando-o inapropriado. Segundo o autor, além dos minérios do solo apresentarem-se em quantidades quase imperceptíveis no vinho, o simples fato de eles não possuírem odor desqualifica o uso do descritor.
- <sup>3</sup> Tradução nossa do original: “is to develop a truly personal type of knowledge, one that allows for emotion as well as thinking, passion as well as reason, and one that leads to an understanding of the self as well as to an understanding of the world” (BUTTNER, 1978, p. 74).

## Referências

- ANDREOTTI, G. **Paisagem cultural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- ARGENTINA. **Wines of Mendoza, tierra de elementos**. Disponível em <https://vimeo.com/16339680>, 2010. (08m12s). Acessado em 15 jan. 2020.
- BESSE, J.-M. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: **O homem e a terra** (trad. Werther Holzer). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015. p. 111-139.
- BUTTNER, A. Charism and context: the challenge of “La Géographie Humaine”. In: LEY, D.; SAMUELS, M. (Eds.). **Humanistic Geography**. Prospects and Problems. London: Crooms Helm, 1978. p. 58-70.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.
- ELIAS, L. V. Paisaje del Viñedo: patrimonio y recurso. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 6, n. 2, p. 137-158, 2008.
- GRATÃO, L. H. B. Sabor & Paisagem à luz de Bachelard. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 30-41, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Los problemas fundamentales de la fenomenología**. Madrid: Ed. Trotta, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- JACQUET, O. Les appellations d’origine et le débat sur la typicité dans la première moitié du XXe siècle: le rôle du syndicalisme vitivinicole bourguignon et la création des AOC. In: **Faire vivre le terroir: AOC, terroirs et territoires du vin**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2010. p. 117-128.
- LACOSTE, P. **Argentina: Vinos de Capa y Espada**. Mendoza: Antacura, 2013.
- LIMA, M. E. A. T. Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. **Psicologia em revista**, v. 9, n. 13, p. 76-88, 2003.
- LUGINBÜHL, Y. **Les paysages culturel viticoles**. Convention du patrimoine mondiale UNESCO, 2005.
- MALTMAN, A. Minerality in wine: a geological perspective. **Journal of Wine Research**, v. 24, n. 3, p. 169-181, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

PETERS, G. L. **American winescapes**: The cultural landscapes of America's wine country. Routledge, 1997.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Ed. Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Ed. Difel, 1983.

Recebido em: 03/03/2021

Aceito em: 21/04/2021